

PALÁCIO DE LOS PINOS, MÉXICO, 20 DE FEVEREIRO DE 1996

*Dr. Ernesto Zedillo; Senhores Ministros; Senhores membros da comitiva que me acompanha; Senhoras e Senhores;*

Peço desculpas, mas falarei, agora, neste momento de despedida do México, em português, porque, assim, já vamos adiantando o programa cultural que estabelecemos e em que iríamos ampliar a possibilidade de que os nossos diálogos fossem bilíngües. Eu me desculpo por falar em português porque, todos sabem, normalmente, os brasileiros temos a possibilidade de falar também em espanhol.

Mas o Presidente Zedillo disse uma verdade: a amizade foi tão grande no México, o calor tão7 entusiasmante, que eu falei o dia inteiro. E, hoje, ao finalizar a aula que dei no Colégio do México, quase me falhava o espanhol, pelo cansaço. E eu tenho medo de que, neste momento solene, em que nós estamos assinando um comunicado conjunto, que – tenho certeza – terá uma importância histórica marcante nesta aproximação entre o Brasil e o México, eu não gostaria que qualquer palavra minha pudesse ser menos apropriada.

Quero, em primeiro lugar, agradecer muito ao Presidente Zedillo, à sua esposa e a todos aqueles que nos acolheram aqui, em meu nome, em nome da Ruth, minha mulher, dos Ministros e dos Parlamentares que me acompanharam, assim como do Embaixador do Brasil no México e do Embaixador do México no Brasil, o modo caloroso, o modo tão à vontade, se assim posso dizer, com que nos receberam, que permitiram que nós nos sentíssemos realmente, como nos foi dito pelo Prefeito, como se estivéssemos em nossa casa. Este não é um sentimento retórico, é uma verdade, uma verdade crescente entre brasileiros e mexicanos.

Eu me referi, talvez um pouco heterodoxamente, ao futebol, no discurso que fiz ontem no jantar, no banquete que me ofereceu o Presidente do México. E me referi ao futebol porque, efetivamente, se há um momento de conagração que marca, para nós brasileiros, a nossa relação com outros povos é quando eles torcem por nós no futebol, porque isso significa também um carinho, significa também uma extensão do próprio sentimento local para um sentimento que vai mais longe. E é assim que nós temos nos sentido nesses dias em que estamos convivendo aqui no México.

Faço muito empenho em que, brevemente, o Presidente Zedillo possa estar conosco, para que possamos retribuir essas gentilezas todas que recebemos aqui no México e para que possamos, de fato, motivar mais ainda os brasileiros nessa aproximação.

Esta manhã, no café que tomamos com um grupo importante de empresários mexicanos e com alguns empresários brasileiros que vieram também, me pareceu que havia um clima extremamente objetivo. Já se falava em termos concretos de números, de áreas de investimento, de dificuldades superadas, de outras por superar. Do mesmo modo, nos encontros que tive com a intelectualidade mexicana, com os setores parlamentares do México, percebe-se hoje um sentimento mais pragmático, uma expectativa que não está baseada apenas no desejo e na boa vontade, mas que está embasada por uma vontade política que se manifesta através de mecanismos concretos e da prática de uma ação que nos leve ao intercâmbio crescente.

Estou seguro de que aquilo que acabou de ser mencionado pelo Presidente Zedillo, o esforço conjunto das nossas Chancelarias, o esforço conjunto dos nossos Ministros, vai ser um instrumento eficaz para permitir o que é mais importante, que é o esforço conjunto das nossas sociedades, para que os vários grupos de empresários, de sindicatos, de artistas, enfim, as várias manifestações da sociedade mexicana e da sociedade brasileira possam, por si mesmas, levar adiante esse processo de integração. Integração não é um documento apenas, integração é muito mais do isso: é o interesse, por certo, mas é também um sentimento, uma vontade de estar junto, e é isso que nós estamos aqui manifestando.

Falou pelo México o Senhor Presidente e fala pelo Brasil o Presidente do Brasil. Nós queremos estar juntos, nós queremos sentir, participar de uma comunidade, no sentido de estarmos partilhando dos mesmos valores no mesmo momento e implicando nisso a idéia de comunidade, a idéia de presença permanente nos vários âmbitos em que a ação política e a ação econômica se desenvolvem. Na prática, já podíamos ter feito isso há mais tempo.

Com países mais distantes, como, por exemplo, a Índia, tivemos um intercâmbio mais seguido, nos últimos anos, sobre ciência e tecnologia, sobre a questão dos serviços, sobre propriedade intelectual, sobre uma série de questões, ora com muito mais forte razão com um país onde, cada qual de nós falando o seu próprio idioma, mais ou menos podemos nos entender. Por que não vamos nos entender? Vamos nos entender. Teremos muitas dificuldades, momentos em que será necessária uma negociação mais caprichosa, mais dialogada, mais trabalhada. Mas não faltará ânimo aos nossos diplomatas para que essas negociações sejam levadas a bom termo.

Certamente o Brasil, repito, está integrado no Mercosul, e, como já disse tantas vezes hoje, isso para nós constitui um êxito, constitui realmente uma plataforma básica de atuação internacional. Portanto, nós temos aliados, os quais temos que consultar sempre sobre alguns passos, mas a nossa consulta será sempre a consulta no que diz respeito ao México, de amigos, que queremos vê-los crescentemente integrados no mesmo espírito.

Quantas vezes me perguntaram, ainda hoje, sobre a integração hemisférica e quantas vezes eu respondi que esse foi um objetivo definido por nós em Miami, mas é um objetivo que está no horizonte e, para que se chegue até ele, será necessário percorrer certos caminhos. Entre esse caminhos, seguramente, essa aproximação do Brasil com o México e esse posterior desdobramento dessa aproximação se sobressaem como um dos mais fecundos para que possamos ter uma integração hemisférica que não venha em prejuízo de nenhuma das partes. Vai ser uma integração entre partes desiguais.

Temos prática disso. O Mercosul propiciou uma integração entre partes desiguais. Para que a integração possa proceder-se entre partes desiguais é preciso que as partes mais avantajadas tenham a compreensão do significado da integração e não imponham, e não queiram, simplesmente por serem mais fortes, obter vantagens que não são as mais adequadas. Certamente, nessa integração hemisférica, se nós estivermos com esse espírito, juntos, Brasil e México, contribuiremos, e muito, para que tanto o Nafta quanto o Mercosul possam vir a ser, efetivamente, patamares de aproximação, e não fortalezas de distanciamento.

É com esse espírito, Presidente Zedillo, que eu me despeço, nesta ocasião. E é também com esse espírito que quero dizer, de todo o coração, que o sentimento de amizade que hoje nos mantém unidos é um sentimento que tem tudo para ser perene. E eu, nesses dias todos, aqui, com o Presidente do México, com sua família, com seus Ministros, pude perceber o quanto é fácil o nosso relacionamento, o quanto as formalidades não são necessárias. A razão existe, mas, às vezes, o coração é mais importante que a razão. Já houve um filósofo que disse que há razões que a própria razão desconhece. Quem sabe, no caso da relação entre o Brasil e o México, haja motivos que a própria razão desconheça e que essa vontade tão forte nossa transforme esses motivos em algo que consolide um procedimento, que não vai ser só de emoção, mas vai ser de vantagem racional também.

Tenho certeza de que seguiremos por aí e saberemos levar adiante as nossas relações da forma mais proveitosa para os nossos dois países.

Muito obrigado.

